



## Dez anos de b-on segundo os investigadores portugueses: impacto e consequências

Teresa Costa<sup>a</sup>

*aCIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora e*

*FCT\FCCN - Fundação para a Ciência e Tecnologia, Unidade de Computação Científica Nacional*

*teresa.costa@fccn.pt*

---

### Resumo

É sabido que com a difusão e propagação do uso dos recursos científicos eletrónicos nas práticas de consulta e de leitura dos investigadores mudaram, não só ao nível do tempo que dedicam à pesquisa, mas sobretudo pela quantidade e variedade de conteúdos que consultam muito mais fácil e rapidamente. Com o surgimento da b-on em abril de 2004 a quantidade e a qualidade dos conteúdos disponíveis aos investigadores portugueses aumentaram significativamente.

Quisemos, então, perceber se este aumento gradual no acesso a conteúdos científicos teve impacto nas suas rotinas e práticas profissionais, bem como ao nível da sua produção científica.

Assim, entre Dezembro de 2013 e Fevereiro de 2014 aplicámos um inquérito online a 500 investigadores de modo a aferir qual o uso que os mesmos faziam dos recursos disponibilizados pela b-on e em que medida é que esta Biblioteca lhes trouxe mudanças à sua prática profissional.

**Palavras-chave:** Inquérito eletrónico, Biblioteca do Conhecimento Online, b-on, Consumo de informação, Produção científica, Portugal

---

### Introdução

Tendo a b-on completado 10 anos de existência em 2014, era altura de conhecer a opinião dos investigadores nacionais, de modo a perceber não só se os mesmos a usavam, mas sobretudo o que é que esta trouxe de novo às suas rotinas e práticas de investigação, quer em termos do acesso, quer em termos da sua produção científica. Como refere Deng (2010) para melhorar os serviços e o apoio aos utilizadores é fundamental compreender e conhecer as suas expectativas, experiências e perceção ao nível da utilização, pelo que considerámos ser fundamental questionar os investigadores relativamente ao uso da b-on.

## Método

Entre Dezembro de 2013 e Março de 2014 aplicou-se um inquérito online a 500 investigadores de modo a aferir qual o uso que os mesmos faziam dos recursos disponibilizados pela b-on e em que medida é que esta Biblioteca lhes trouxe mudanças à sua prática profissional. A amostra foi constituída por 100 investigadores/docentes das cinco universidades públicas com maior número de *downloads* por FTE (utilizador), no conjunto dos sete anos em estudo e que são a Universidade de Aveiro (UA), a Universidade do Porto (UP), a Universidade do Minho (UM), a Universidade Nova de Lisboa (UNL) e a extinta Universidade Técnica de Lisboa (UTL).

Uma vez identificadas as instituições com mais utilização e definido o período temporal do estudo, pesquisou-se na Web of Science (SCI, SSCI e A&HCI) a produção científica das instituições através do uso do campo “*address*” como filtro. Foi ainda aplicado desde o início a limitação temporal 01.01.2000 a 31.12.2010.

Esta pesquisa foi realizada instituição a instituição.

Apenas se consideraram os artigos publicados refinando-se os resultados por *document types* “*Article*”.

Foi depois aplicado o filtro do país, Portugal, e o da instituição tendo sido seleccionadas da lista de 100 instituições apenas as que surgiam com “Universidade X” (tal foi feito de forma individual para cada uma das cinco instituições). Este foi um processo manual e moroso uma vez que a mesma instituição pode surgir sob a forma de diferentes denominações. Após esta triagem filtrámos os 100 autores com maior número de artigos indexados na Web of Science (WoS). Uma vez mais tivemos de fazer uma uniformização dos nomes dos investigadores que também nos surgiram de formas diferenciadas. Depois da lista uniformizada localizámos os endereços eletrónicos dos 500 investigadores, tarefa que também se revelou morosa e difícil, pois se por vezes o *e-mail* aparecia no resumo do registo, muitas vezes tal não acontecia, o que nos levou a consultar os próprios artigos, a fazer pesquisas no *Google* e nos sites das cinco instituições (por faculdades, departamento, pessoal) a fim de localizar o endereço eletrónico dos 100 autores.

O questionário era constituído por um total de vinte e oito questões e era composto por cinco partes: a primeira para identificação de dados sociodemográficos dos utilizadores (Instituição, Perfil, Área Científica, Principal atividade, Género e Idade), a segunda com questões sobre o conhecimento e utilização da b-on, a terceira sobre o acesso feito à b-on, a quarta sobre produção científica e a quinta solicitava feedback sobre a importância que a b-on assume para o desenvolvimento das atividades de ensino e investigação.

## Resultados

Foram obtidas 201 respostas correspondendo a 42% do total da nossa amostra. Este resultado foi satisfatório, partindo do princípio de que este questionário fez parte de um trabalho de investigação, não havendo, pois, qualquer obrigatoriedade na resposta.

Pode observar-se uma síntese das respostas obtidas na Tabela 1 ao nível da caracterização sociodemográfica dos respondentes.

## Dados sociodemográficos

### Instituição

A Universidade do Porto foi a que apresentou uma maior taxa de resposta 49, logo seguida da Universidade Nova de Lisboa com 47 e da Universidade de Aveiro com 44. A Universidade do Minho foi a que apresentou o menor número de respostas, 25.

	N.º	%
<b>Instituição</b>		
Universidade de Aveiro	44	21,9%
Universidade Nova de Lisboa	47	23,4%
Universidade do Minho	25	12,4%
Universidade do Porto	49	24,4%
Universidade Técnica de Lisboa (ex)	36	17,9%
<b>Perfil</b>		
Investigador	40	19,9%
Professor	161	80,1%
<b>Área Científica</b>		
Artes e Humanidades	0	0,0%
Ciências da Saúde	39	19,4%
Ciências Exatas	89	44,3%
Ciências Sociais	0	0,0%
Engenharias e Tecnologias	73	36,3%
<b>Idade</b>		
31-40 anos	12	6,0%
41-50 anos	97	48,3%
51-60 anos	63	31,3%
61-70 anos	24	11,9%
71+ anos	5	2,5%
<b>Género</b>		
Feminino	63	31,3%
Masculino	138	68,7%
<b>Total</b>	<b>201</b>	<b>100,0%</b>

Tabela 1 – Caracterização da população em número e percentagem

### Perfil

A maioria dos respondentes, 161 em 201 (80,1%) identificou-se como Professor e 40 (19,9%) como Investigador. Esta é uma situação comum às cinco universidades, sendo o perfil de Professor mais indicado em qualquer uma das cinco instituições.

### Área científica

A área científica com maior número de respostas foi a das Ciências Exatas com 44,3% das respostas, seguida das Engenharias e Tecnologias com 36,3% e as Ciências da Saúde alcançaram 19,4% das respostas. Não houve qualquer resposta quer das Artes e Humanidades quer das Ciências Sociais, o que já era esperado, uma vez que questionámos os autores com mais artigos indexados na Web of Science.

### Grupos de idade

Cada respondente pôde indicar a sua idade, a qual foi posteriormente integrada numa das cinco faixas etárias: 31-40, 41-50, 51-60, 61-70 e +71.

Cerca de 48% das respostas foram obtidas de investigadores entre os 41 e os 50 anos e 31,3% da faixa etária seguinte, i.e., dos 51 aos 60 anos. A faixa etária com menor número de respostas é a dos + de 71 (2,5%).

### Uso da b-on

Quando questionados sobre a utilização da b-on apenas 5% dos investigadores respondeu que não a utilizavam, i.e., 95% reconheceu utilizar.

### Razões para o uso da b-on

Relativamente às razões para o uso da b-on concluiu-se que a principal razão é o apoio à investigação (80,6%), seguida do acesso a periódicos fundamentais da área de trabalho/estudo (73,6%), do acompanhar os desenvolvimentos na área de estudo (66,2%) e do aceder a informação atualizada (60,7%).

Com base nas respostas obtidas ao questionário pode afirmar-se que os investigadores reconhecem a importância do acesso aos conteúdos que a b-on lhes disponibiliza, indicando que esta:

- Os ajudou a concretizar um trabalho de investigação (83,5%),
- Lhes permitiu aumentar a sua produção científica (77,2%),
- Os ajudou a publicar em periódicos de maior qualidade (63,2%)

Concordam também com a afirmação “a b-on contribui para aumentar a produção científica nacional” (80,6%) e com “a b-on contribui para melhorar a qualidade da produção científica nacional” (84,1%).

### Frequência do uso

Quisemos conhecer a frequência com que a b-on é usada pelos nossos respondentes. As hipóteses para resposta eram: Diariamente, Semanalmente, Mensalmente e Ocasionalmente.

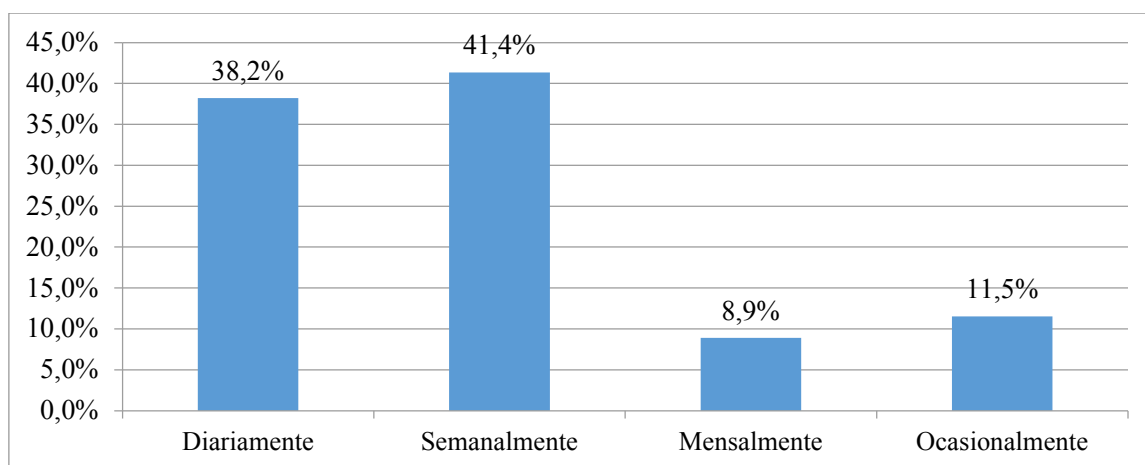


Gráfico 1 - Frequência da utilização da b-on em %

Como se pode observar no Gráfico 1, verificou-se que a frequência semanal foi a mais

indicada no que concerne ao uso da b-on e a opção “mensalmente ” a menos escolhida. De destacar o uso diário que ultrapassa os 38% dos respondentes (foi a escolha de 73 respondentes).

### Vantagens no uso da b-on

Relativamente às vantagens associadas ao uso da b-on, os inquiridos tinham uma lista com várias opções, sendo esta uma pergunta de resposta múltipla.

<b>Vantagens</b>	<b>N.º</b>	<b>%</b>
Facilidade de acesso aos conteúdos	136	71,2%
Conteúdos científicos de qualidade	129	67,5%
Rapidez no <i>download</i> dos artigos	122	63,9%
Poder guardar os PDF's	104	54,5%
Facilidade de pesquisa	94	49,2%
Credibilidade dos resultados da pesquisa	67	35,1%

Tabela 2 – Vantagens no uso da b-on em número e percentagem

A opção mais escolhida foi a facilidade de acesso aos conteúdos (71,2%). Em segundo, ficou o acesso a conteúdos de qualidade (67,5%), logo seguida da rapidez no *download* dos artigos (63,9%). Das opções apresentadas a que teve menor número de escolhas foi a credibilidade dos resultados da pesquisa (35,1%).

### Produção científica

Sendo, igualmente, nosso objetivo perceber o impacto que a b-on teve também na produção científica, havia um grupo de perguntas que visava exatamente analisar esta problemática.

#### Artigos publicados

Apesar do levantamento na WoS ter tido como limite o ano de 2010, quisemos saber quantos artigos tinham publicado os nossos respondentes nos anos de 2011 e 2012. Nesta questão, o respondente era convidado a indicar o total de artigos que havia publicado nesses dois anos. Foram obtidas respostas de 181 respondentes, tendo sido o valor máximo apontado o de 80 artigos (indicado por 2 dos respondentes). Como podemos observar na Tabela 3 foram publicados, pelos autores inquiridos, 3.825 artigos, sendo a média de artigos publicados nesses dois anos de 21 artigos e a mediana de 20. O total de 20 artigos foi o valor mais indicado (moda) com 25 respostas, tendo sido 80 o número máximo de artigos indicado.

<b>Total de artigos</b>	<b>Média</b>	<b>Mediana</b>	<b>Moda</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>3.825</b>	<b>21</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>0</b>	<b>80</b>

Tabela 3 - Número de artigos publicados pelos autores das cinco universidades em 2011 e 2012

Se olharmos individualmente para a produção dos autores de cada uma das cinco instituições, e com base nas respostas obtidas, verifica-se que neste período de dois anos é a UP a que apresenta maior produção (1.216), seguida da UA (1.153). A média de artigos é igual nestas duas instituições (27). Os autores que indicaram o maior número de artigos publicados são da UA (80).

Instituição	Total de artigos	Média	Mediana	Moda	Mínimo	Máximo
UA	1.153	27	23	30	0	80
UM	350	16	15	20	0	45
UP	1.216	27	25	25	0	50
UNL	694	15	11	8	3	60
UTL	412	15	14	20	3	35

Tabela 4 - Distribuição do número de artigos publicado em 2011 e 2012 por Universidade

### Colaboração internacional

De forma a conhecer as práticas de publicação, questionou-se se costumavam publicar com autores de outras nacionalidades. Cerca de 79% respondeu afirmativamente.

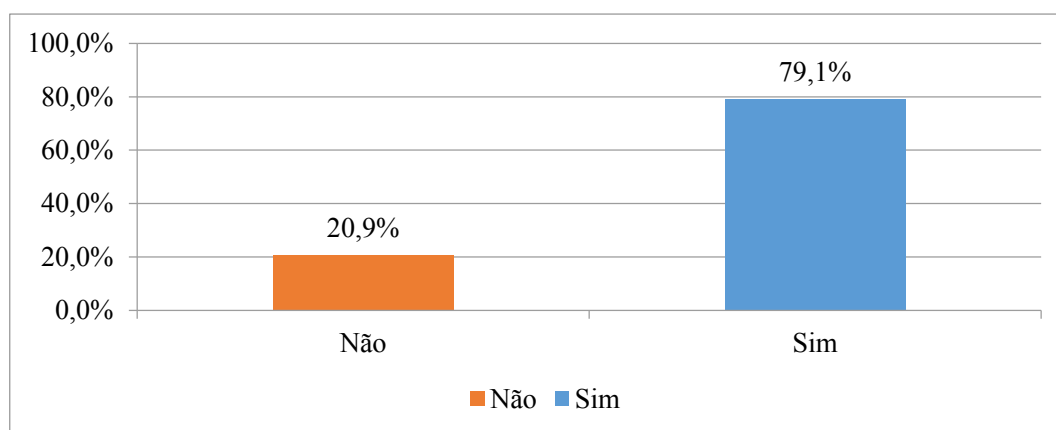


Gráfico 2 – Colaboração internacional.

### Principais países de colaboração internacional

Quisemos conhecer a nacionalidade dos autores com quem mais publicavam os nossos investigadores. Para tal, e com base nos dados da produção científica dos nossos autores obtidos a partir da WoS, apresentava-se a lista dos cinco países (Alemanha, Espanha, Estados Unidos da América, França e Inglaterra) com mais artigos publicados em co-autoria com os investigadores portugueses. Havia ainda, no entanto, a opção “Outro” que permitia a indicação de outros países para além dos indicados na referida lista. Os respondentes apenas podiam escolher uma das opções.

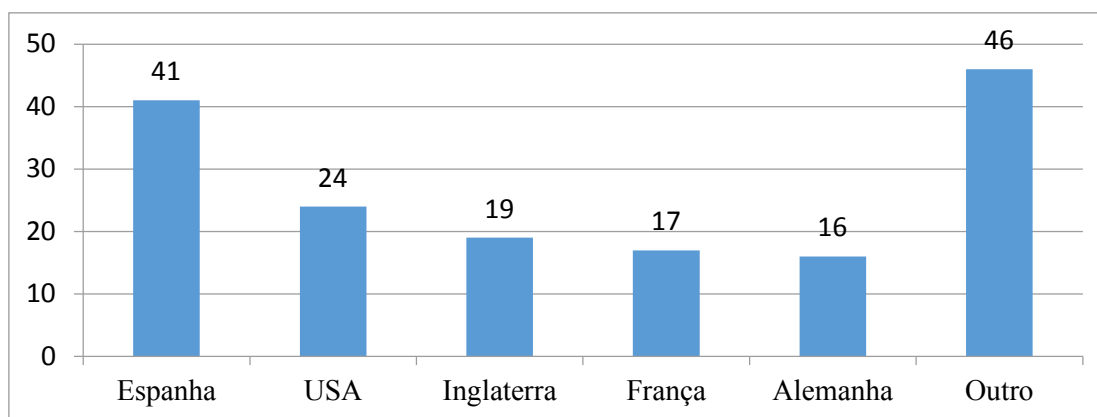


Gráfico 3 – Principais países de colaboração internacional

A Espanha foi o país mais indicado, seguido dos Estados Unidos da América (41 e 24, respetivamente). Inglaterra, França e Alemanha eram as restantes opções, cujo número de respostas/escolhas foi muito aproximado (19, 17 e 16).

Aqueles que escolheram “Outro” (46) tinham a possibilidade de indicar o país. Destes destaca-se o Brasil, indicado por 14 respondentes. 10 inquiridos indicaram países diferentes com apenas uma ocorrência que se agruparam sob a designação de “Outros países”.

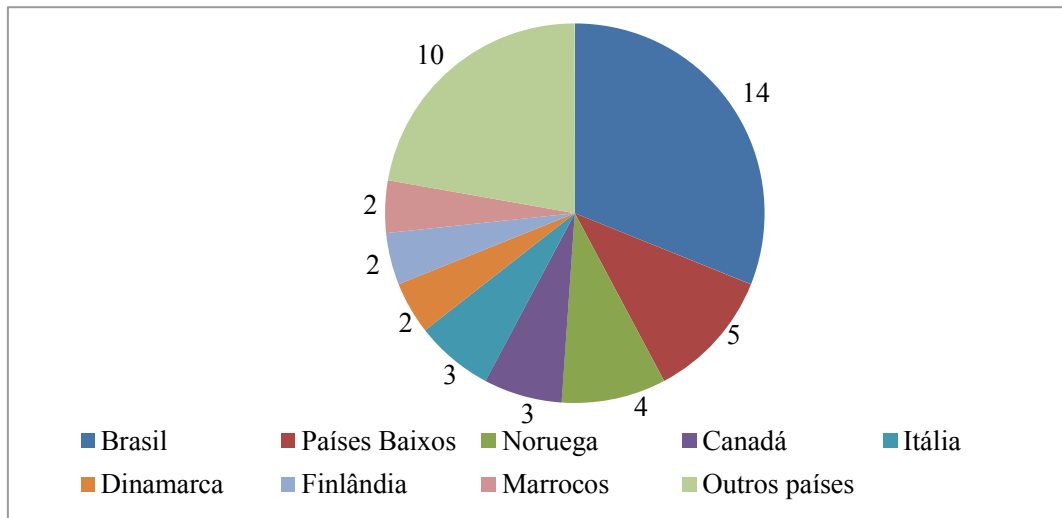


Gráfico 4 - Frequência em número de respostas: outros países de colaboração internacional

## Consequências

Tentámos perceber as consequências que a b-on teve ao nível do trabalho de investigação dos respondentes.

Na primeira questão quisemos saber se os investigadores concordavam com o facto de a b-on os ter ajudado a concretizar um trabalho/projeto de investigação. Mais de 83% concordou ou concordou totalmente, 9% discordou, 1,5% discordou totalmente e 6% não tinham opinião sobre esta questão.

Procurámos saber igualmente se achavam que a b-on tivesse contribuído para aumentar a sua produção científica. Neste caso 47,3% concordou totalmente e 29,9% concordou; mais de 15% discordou ou discordou totalmente e 7,5% não tinham opinião.

Foi também perguntado se concordavam com o facto de a b-on os ter ajudado a publicar em periódicos de maior qualidade. Mais de 63% respondeu concordar totalmente ou concordar, enquanto mais de 25% dos respondentes indicou discordar ou discordar totalmente. Cerca de 10% revelou não ter opinião.

Quisemos saber se os respondentes consideravam que a b-on tinha ajudado a que a sua produção científica tivesse maior visibilidade. Cerca de 31% indicou concordar totalmente e 42,8% concordar. 10,5% discordou ou discordou totalmente e 15,4% assinalou não ter opinião.

Procurámos também conhecer a opinião dos inquiridos relativamente ao impacto da b-on no aumento da produção científica nacional. Mais de 80% concordou com este contributo (37,3% concordou totalmente e 43,3% concordou).

Por fim, perguntávamos se concordavam com a afirmação “A b-on contribuiu para melhorar a qualidade da produção científica nacional”. Cerca de 84% dos respondentes revelou concordar com a mesma.

## **Feedback**

O último grupo de perguntas era constituído por três questões abertas e facultativas.

A primeira das três questões visava aferir qual a importância que a b-on assume para o desenvolvimento das atividades académicas e de investigação dos inquiridos. Esta era uma pergunta de resposta facultativa, no entanto, 101 dos respondentes optou por deixar o seu testemunho.

Muitos destacaram a importância da b-on no acesso à informação. Neste sentido, foi dito por exemplo que a b-on “constitui um acesso rápido e eficiente a informação relevante na preparação e concretização das tarefas relacionadas com aulas ou trabalho de investigação”; que “a b-on é uma ferramenta essencial ao sistema científico Português. Os recursos que esta infraestrutura disponibiliza são extremamente valiosos para professores, investigadores e estudante do ensino superior”; ou ainda que “a b-on é uma ferramenta essencial no acesso à informação e fundamental para o desenvolvimento da ciência em Portugal”.

Outros destacaram a pertinência da informação disponibilizada da b-on. Assim, disseram por exemplo que “a importância da b-on é máxima: para dar suporte à novidade e à interpretação de resultados, pois é importantíssimo fazer uma pesquisa bibliográfica exaustiva. A b-on permite, por um lado, fazer essa pesquisa a uma velocidade incomparavelmente maior do que o que acontecia até há menos de uma década” ou “a importância do acesso a revistas científicas de referência internacional é fundamental para qualquer investigação inovadora” ou b-on é “fundamental para estar em contacto permanente com os desenvolvimentos científicos”; ou ainda “máxima: para dar suporte à novidade e à interpretação de resultados é importantíssimo fazer uma pesquisa bibliográfica exaustiva. A b-on permite, por um lado, fazer essa pesquisa a uma velocidade incomparavelmente maior do que o que acontecia até há menos de vinte anos. Por outro, uma vez feita a pesquisa e a seleção das referências mais importantes, com a b-on, elas ficam à distância de um “click”. A diferença entre o “antes” e a b-on é abissal, incomensurável”.

Também neste sentido houve ainda quem destacasse a possibilidade de acompanhar os desenvolvimentos na sua área de estudo e conhecer trabalhos de outros autores. Deste modo, alguns respondentes referiram que a b-on “é um fator muito importante. A necessidade de me manter a par do que se faz na minha área é uma constante e ainda que não sendo impossível sem a b-on certamente seria muito mais difícil fazer pesquisas bibliográficas” ou a “atualização rápida de conteúdos publicados na minha área e a pesquisa de trabalhos anteriormente publicados” ou que “é fundamental ter acesso rápido e fiável às revistas científicas da minha especialidade, em particular no que se refere à atividade de investigação.”

Houve também quem destacasse a importância da b-on para e no aumento da sua produção científica dizendo que “hoje a b-on é uma ferramenta indispensável para fazer investigação. Sem a b-on a minha produtividade científica seria 1/4 a 1/3 do que é atualmente” ou que a b-on é “extremamente importante. Sem ela estaria perdida e



deixaria de conseguir publicar pois não saberia o que já feito e figura na literatura” ou que “o acesso facilitado a referências atualizadas permite ter uma melhor perceção acerca do que pode constituir novidade e, eventualmente, redirecionar o curso da investigação.”

Um outro investigador atribui dois papéis fundamentais à b-on. Segundo este respondente: “a b-on é usada essencialmente para 2 fins: 1. Pesquisa bibliográfica e acesso a conteúdos. 2. Seleção das melhores revistas, para submissão de publicações.”

Com base nas respostas e comentários deixados fizemos uma *word cloud* a partir da qual é possível identificar as palavras mais utilizadas pelos nossos respondentes relativamente à importância da b-on para o desenvolvimento das suas atividades.

O resultado pode ser observado na Figura 1, na qual podemos observar que os termos mais usados foram acesso, importante, investigação, fundamental, essencial e conhecimento.

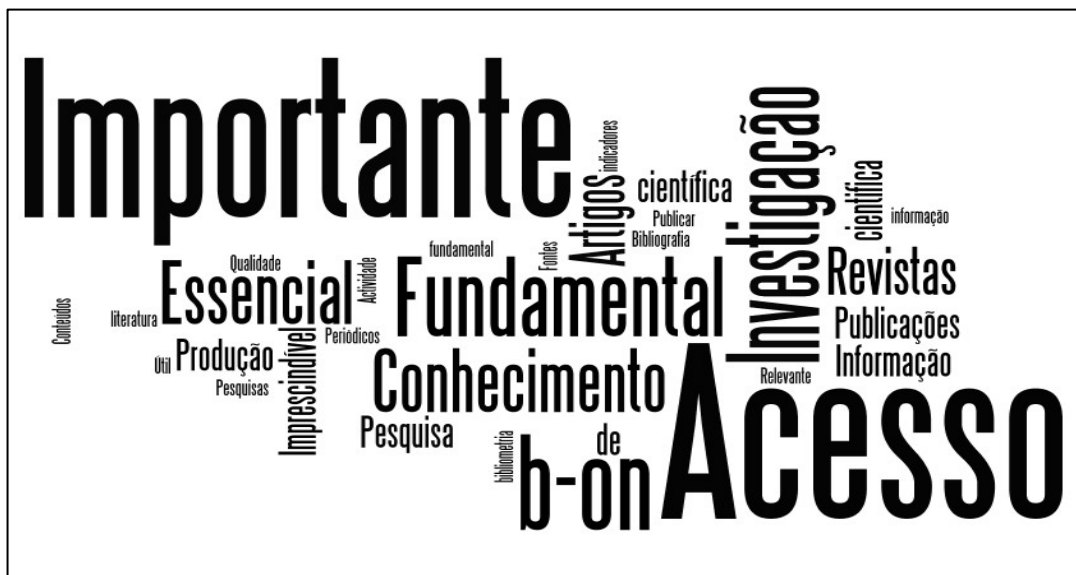


Figura 1 – Word cloud de comentários sobre a b-on

## Discussão

Os dados recolhidos, apresentados e agora discutidos permitem concluir que a b-on trouxe inúmeras vantagens à comunidade académica e científica portuguesa tendo permitido o acesso a milhares de títulos em texto integral de publicações atualizadas e proporcionando acesso imediato à informação científica de elevada qualidade e de grande abrangência temática.

Procurámos conhecer o impacto da b-on na produção científica nacional, em particular nas cinco universidades que constituem a nossa amostra, sabendo *à priori* que as práticas de publicação variam consoante a área científica.

## **Respostas ao inquérito por questionário eletrônico**

Como anteriormente referido apresentam-se os dados por ordem do inquérito: universo do estudo (dados sociodemográficos), utilização da b-on (uso, frequência de utilização, razões do uso), acesso à b-on (vantagens), produção científica (artigos publicados, colaboração internacional), consequências do uso e feedback sobre a importância que a b-on assume para o desenvolvimento das atividades de ensino e investigação.

### **Dados sociodemográficos**

Este inquérito foi dirigido a 500 investigadores, no entanto, dos e-mails enviados 22 falharam a entrega, tendo a amostra passado a ser constituída por 478 investigadores. Foram obtidas 201 respostas.

### **Perfil**

A maioria dos respondentes identificou-se como Professor e apenas cerca de 20% como investigador, o que não é de estranhar uma vez que o nosso estudo incidiu sobre universidades. Tal verificou-se igualmente com Borges (2007) que cita o estudo coordenado por Jesuíno dizendo “verificou-se que os inquiridos se assumem prioritariamente como docentes ou professores universitários, e que é com base nessa autocategorização que perspectivam, organizam e desenvolvem a sua actividade de investigação” (p. 225).

### **Área científica**

Tendo por base a WoS não é pois de estranhar que não tenhamos tido na nossa amostra qualquer autor das áreas das Artes e Humanidades e das Ciências Sociais. São vários os estudos internacionais que indicam a prevalência da cobertura das áreas das ciências em detrimento das ciências sociais e artes e humanidades por parte da WoS. Esta falta de cobertura é geralmente atribuída aos modelos de publicação das ciências sociais e humanas, que de certa forma privilegia as monografias (Hicks, 2004). O mesmo autor observa que 85% da produção dos investigadores das ciências naturais é publicada em artigos de revistas e conferências, enquanto para os investigadores das ciências sociais esta taxa varia entre os 42% e 61%. Nederhof (2006, p.83), na sua análise dos resultados da produção científica nas ciências sociais humanas, confirma a existência de uma orientação regional ou nacional nos padrões de publicação de alguns dos campos das ciências sociais, em vez de práticas de publicação mais internacionais.

A área científica com maior taxa de resposta foi a das Ciências Exatas, seguida das Engenharias e Tecnologias e por fim as Ciências da Saúde. Vistas as subáreas verificamos que 24 dos respondentes indicam desenvolver investigação na área da Química, 21 nas Ciências e Engenharia dos Materiais e 19 na Física, o que está em concordância e reforça a análise da produção científica feita por nós com base nos dados obtidos através da WoS.

### **Grupos de idade**

Ao nível da faixa etária é notória a predominância das faixas dos 41-50 anos e 51-60 anos, o que não é de estranhar uma vez que o público-alvo deste questionário eram os autores com maior produção científica indexada na WoS, sendo por isso natural as faixas etárias da maioria dos nossos respondentes: cerca de 80%. Nas faixas dos 61-70 anos e mais de 70 anos temos cerca de 14% de respostas o que é fácil de perceber se o

associarmos à idade avançada dos investigadores que certamente já se terão reformado. Os restantes 6% encaixam na faixa dos 31-40 anos, que são certamente autores que estão ainda no início da sua carreira, mas que já têm um número razoável de artigos indexado na WoS (só os 100 mais integravam a nossa lista). Assim, o menor número de respostas adveio dos respondentes de dois extremos opostos: menor e maior idade.

### **Género**

Relativamente ao género há um predomínio do número de respondentes do sexo masculino (70%) relativamente ao sexo feminino. Também esta distribuição está de acordo com estudos anteriores (Borges, 2007). A discriminação relativamente à progressão das mulheres é também estudada por Kretschmer e Kretschmer (2013) que afirmam existir uma série de mitos que dificultam a progressão das mulheres ao nível da carreira académica e científica.

### **Utilização da b-on**

#### **Costuma utilizar a b-on?**

Quando questionados sobre a utilização da b-on, apenas 5% dos investigadores respondeu que não a utilizavam, i.e., 95% reconheceu utilizar. Se analisarmos estes dados por instituição verificamos que não há qualquer resposta negativa relativamente ao uso da b-on quer por parte da UA quer por parte da UP. Pensamos que este facto pode estar associado ao investimento que é feito em ambas as universidades ao nível da formação e disseminação do uso dos recursos eletrónicos.

Para além disso, o facto de as instituições apresentarem diferenças significativas no nível de utilização não deve ser explicado pelo tamanho de cada instituição, mas pelo nível de pesquisa e de investigação realizadas por cada uma delas (Térmens i Graells, 2008).

Conhecer os padrões de uso de diferentes tipos de utilizadores, em resposta à oferta de informação eletrónica tem sido uma preocupação de muitos investigadores e bibliotecários. Tenopir (2003) reuniu e sistematizou resultados sobre o uso e os hábitos de consulta de recursos eletrónicos, em especial no que diz respeito a periódicos, algo que já tinha sido estudado anteriormente por King (2003).

#### **Razões para o uso da b-on**

Relativamente às razões para o uso da b-on pode verificar-se que a principal razão é o apoio à investigação (80,6%), seguida do acesso a periódicos fundamentais da área de trabalho/estudo (73,6%), do acompanhar os desenvolvimentos na área de estudo (66,2%) e do aceder a informação atualizada (60,7%). Também Rodríguez Bravo et al. (2013) chegam à mesma conclusão indicando que a investigação é a principal finalidade pela qual se utilizam as revistas. À mesma conclusão havia já chegado Borges quando refere: "A garantia do acesso a estes editores é considerada como fundamental por 46% dos inquiridos, o que é reforçado pela elevada percentagem daqueles que consideram ser o material disponibilizado importante para a sua área" (2007, pp. 297-298).

#### **Frequência da utilização**

Relativamente àqueles que indicaram usar a b-on, pode concluir que se verifica uma tendência para a utilização muito frequente (cerca de 38% afirmou usá-los diariamente) ou frequente (cerca de 41% indicou usá-los semanalmente). Semelhantes conclusões

foram obtidas quer por Liu (2005) quer por Dilek-Kayaoglu (2008) já que ambos afirmam nos seus estudos que os recursos eletrónicos são frequentemente utilizados. A mesma tendência foi notada no estudo de Bar-Ilan e Fink (2005) no qual se verificou que perto de 81% dos inquiridos eram utilizadores habituais e frequentes dos periódicos científicos eletrónicos. Também o estudo de Rodríguez Bravo (2013) revela uma frequência de uso intensa, com uso diário ou semanal; tal como o estudo de Deng (2010) confirma esta tendência.

### **Vantagens no uso da b-on**

Por fim e ao nível do uso da b-on quisemos conhecer quais as principais vantagens que os nossos respondentes lhe reconheciam. Para tal havia uma lista de seis opções sendo esta uma pergunta de resposta múltipla. A opção escolhida por mais investigadores foi a facilidade de acesso aos conteúdos (71,2%), tendo ficado em segundo o acesso a conteúdos de qualidade (67,5%) e, em terceiro a rapidez no *download* dos artigos (63,9%). O que nos permite concluir que e fazendo aqui uma alusão ao *slogan* da b-on “À distância de um clique!” faz todo o sentido para os nossos respondentes que admitem facilidade e rapidez no acesso aos conteúdos, aos quais reconhecem qualidade.

### **Produção científica**

Tenopir e Volentine (2012) acreditam que os investigadores de maior sucesso e de maior produção científica são simultaneamente aqueles que leem mais artigos. Embora não possamos concluir uma relação de causa e efeito, tal demonstra que a leitura de conteúdos académicos e científicos é fundamental para e na produção científica.

### **Colaboração internacional**

Ao nível da colaboração internacional, cerca de 79% dos nossos respondentes reconheceu publicar em co-autoria com autores de outras nacionalidades. Pensamos que tal está intimamente associado ao facto da produção científica e respetivas publicações serem predominantemente de origem americana ou inglesa e por isso mesmo a língua de publicação ser o inglês.

Segundo Zitt, Perrot e Barré (1998)

«The last decade has witnessed an almost complete transition from (partially) “national” models to the “transnational” model. This transition may be considered as constituting a set of individual and collective behaviors and strategies among scientists seeking to improve their visibility in the mainstream of scientific activity, through the use of the appropriate publication and communication channels»(p. 30).

A colaboração internacional entre autores de dois ou mais países tem, vindo a aumentar ao longo dos anos. Os benefícios e os méritos da colaboração internacional ao nível da investigação incluem: a partilha e transferência de conhecimento e equipamento, ligando investigadores a uma grande rede científica, bem como o acelerar do processo de investigação, aumentando a visibilidade dos artigos (Gazni & Didegah, 2011; Gazni, Sugimoto, & Didegah, 2012).

### **Principais países de colaboração internacional**

No que concerne aos países com os quais os nossos respondentes indicaram ter um maior nível de colaboração verificou-se que a Espanha foi o país mais indicado, seguido dos Estados Unidos da América. Inglaterra, França e Alemanha foram os países que se seguiram. De mencionar apenas a colaboração com o Brasil que tem sido crescente nos

últimos anos tendo sido este o país mais indicado pelos nossos respondentes para além dos países que constavam da lista de opções.

### **Consequências**

Com base nas respostas obtidas podem afirmar-se que os autores portugueses reconhecem a importância do acesso aos conteúdos que a b-on lhes disponibiliza, indicando que esta:

- Os ajudou a concretizar um trabalho de investigação (83,5%),
- Lhes permitiu aumentar a sua produção científica (77,2%),
- Os ajudou a publicar em periódicos de maior qualidade (63,2%)

Concordam também com a afirmação “a b-on contribui para aumentar a produção científica nacional” (80,6%) e com “a b-on contribui para melhorar a qualidade da produção científica nacional” (84,1%).

Pode, pois, concluir-se com base nos resultados obtidos que existe uma forte relação entre a utilização de conteúdos científicos e a produção dos mesmos. Pelo que a importância e impacto da b-on em ambos é fundamental, uma vez que permite a toda a comunidade aceder aos mesmos conteúdos, democratizando o acesso aos mesmos, e direta e indiretamente contribuir para o aumento da produção científica nacional. São também vários os estudos internacionais que indicam que os autores que mais leem são em simultâneo os que mais produzem (Deng, 2010; Rodríguez Bravo et al., 2013; Tenopir & Volentine, 2012b; Volentine & Tenopir, 2013) e nós acreditamos que esta relação existe e é que essencial.

### **Conclusão**

A b-on tem sido um meio fundamental de democratização do acesso à informação, permitindo que todas as instituições do ensino superior público acedam aos mesmos conteúdos independentemente da sua localização geográfica, dimensão ou histórico. Com base na análise das respostas obtidas pudemos confirmar que a disponibilização da b-on teve consequências não só ao nível do acesso a conteúdos científicos por parte da comunidade académica e científica nacional, mas também ao nível da produção científica.

### **Referências bibliográficas**

- BAR-ILAN, J. (2005). Preference for electronic format of scientific journals: A case study of the science library users at the Hebrew University. *Library & Information Science Research* [Em linha]. Vol.27, n. 3, p.363-376. [Consult. 03 Novembro 2013]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0740818805000368>>.
- BORGES, M. M. (2007) - *A esfera: Comunicação académica e novos media*. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Tese doutoramento.
- DENG, H. (2010) – Emerging patterns and trends in utilizing electronic resources in a higher education environment: An empirical analysis. *New Library World* [Em linha]. Vol.111, n.º3/4, p. 87-103. [Consult. 12 Maio 2013]. Disponível na Internet: <URL:<http://www.emeraldinsight.com/doi/pdfplus/10.1108/03074801011027600>>.

- DILEK-KAYAOGLU, H. (2008). Use of electronic journals by faculty at Istanbul University, Turkey: The results of a survey. *The Journal of Academic Librarianship* [Em linha]. Vol. 34, n.º3, p. 239-247. [Consult. 03 Novembro 2013]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0099133308000396>>.
- KING, D. W. (2003). *The role of library consortia in electronic journal services*. In A. Pearce (Ed.), *The consortia site license: Is it a sustainable model?* Cambridge: Ingenta Institute.
- KRETSCHMER, H., & KRETSCHMER, T. (2013). Gender bias and explanation models for the phenomenon of women's discriminations in research careers. *Scientometrics* [Em linha]. Vol.97, n.º1, p.25-36. [Consult. 12 Maio 2013]. Disponível na Internet: <URL:<http://link.springer.com/article/10.1007/s11192-013-1023-7>>.
- LIU, Z. (2006). Print vs. electronic resources: A study of user perceptions, preferences, and use. *Information Processing and Management* [Em linha]. Vol. 42, n.º2, p. 583-592. [Consult. 12 Maio 2013]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S030645730500004X>>.
- RODRÍGUEZ BRAVO, B., BORGES, M. M., FERNANDES, A. N., Merino, I. O., OLIVEIRA, M. J. (2013) - Hábitos de consumo y satisfacción con las revistas electrónicas de los investigadores de las Universidades de Coimbra, León y Porto. In Encontro Ibérico EDICIC, IV, Porto.
- TENOPIR, C. (2003). *Use and users of electronic library resources: An overview and analysis of recent research studies*. [Em linha]. Washington, DC: Council on Library and Information Resources. [Consult. 12 Maio 2013]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.clir.org/pubs/reports/pub120/pub120.pdf>>.
- TENOPIR, C.; VOLENTINE, R. (2012) - UK scholarly reading and the value of library resources: Summary results of the study conducted Spring 2011. Knoxville, TN: Center for Information and Communication Studies, University of Tennessee.
- TÉRMENS I GRAELLS, M. (2008). Looking below the surface: The use of electronic journals by the members of a library consortium. *Library Collections, Acquisitions and Technical Services*. Vol.32, nº2, p.76-85.
- VOLENTINE, R.; TENOPIR, C. (2013) – “Value of academic reading and value of the library in academics' own words.” *Aslib Proceedings* [Em linha]. Vol 65, n.º4, p.425-440. [Consult. 12 Novembro 2013]. Disponível da Internet: <URL:<http://www.emeraldinsight.com/doi/pdfplus/10.1108/AP-03-2012-0025>>.
- ZITT, M., PERROT, F., & BARRÉ, R. (1998). The transition from “national” to “transnational” model and related measures of countries' performance. *Journal of the American Society for Information Science*[Em linha]. Vol 49, n.º1, p.30-42. [Consult. 12 Novembro 2013]. Disponível da Internet: <URL: <http://perso.numericable.fr/mzitt/resources/1998JASI-Transition.pdf>>.